



## NÃO SENTIR OU APRENDER A SENTIR? A RAIVA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL NA LITERATURA INFANTIL

### NOT FEELING OR LEARNING TO FEEL? ANGER AND THE CHALLENGES OF EMOTIONAL EDUCATION IN CHILDREN'S LITERATURE

Sara Cristina Castelli de Camargo<sup>1</sup>  
Michele Varotto Machado<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo é um recorte da Iniciação Científica, intitulada “Literatura Infantil e Habilidades Socioemocionais: análise de uma coleção de livros infantis” financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O objetivo deste estudo é analisar como a raiva é representada na coleção “E se eu sentir...”, escrita por Paloma Blanca Alves Barbieri (2021;2022). Busca-se compreender se as estratégias apresentadas ajudam as crianças a desenvolver autonomia ou se reforçam comportamentos esperados pelos adultos. A pesquisa questiona se as obras contribuem para que as crianças compreendam a complexidade da raiva ou se priorizam seu controle e superação rápida. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, através de análise de conteúdo de Bardin (2015), e a análise foi feita com base nas contribuições de autores da área socioemocional. Os resultados obtidos foram de que esta coleção analisada apresenta contribuições ao proporcionar a identificação e reconhecimento das emoções, porém traz limites ao propor estratégias que tem como foco a superação rápida da emoção, sem compreender sua importância. Conclui-se sobre a importância de estudos sobre as obras que têm sido utilizadas para trabalhar a educação emocional na infância.

**Palavras-chave:** literatura infantil; emoções; raiva; educação socioemocional; infância.

**ABSTRACT:** This article is an excerpt from the Undergraduate Scientific Initiation Research entitled “Children’s Literature and Socioemotional Skills: An Analysis of a Collection of Children’s Books”, funded by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). The objective of this study is to analyze how anger is represented in the collection “E se eu sentir...” (What If I Feel...), written by Paloma Blanca Alves Barbieri. The study seeks to understand whether the strategies presented in the books help children develop autonomy or reinforce behaviors expected by adults. The research questions whether the books contribute to children’s understanding of the complexity of anger or whether they prioritize its quick control and overcoming. The methodology used a qualitative approach, through Bardin’s content analysis, and the analysis was based on contributions from authors in the socioemotional field. The results indicate that the analyzed collection contributes to the identification and recognition of emotions, but also presents limitations by proposing simple and superficial strategies focused on quickly overcoming the emotion, without understanding its importance. It is concluded that it is important to critically analyze the books that have been used to promote emotional education in childhood.

<sup>1</sup> Sara Cristina Castelli de Camargo, Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos, saracamargo@estudante.ufscar.br

<sup>2</sup> Profa. Dra. Michele Varotto Machado, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, michele.varotto@ufscar.br



**Keywords:** children's literature; emotions; anger; social-emotional education; childhood.

## 1. INTRODUÇÃO

*Ao longo do dia, desde a hora que acordo até a hora de dormir, eu  
sinto um turbilhão de emoções: Raiva, felicidade, tristeza, medo...  
E nem sempre consigo entendê-las!  
(BARBIERI, 2021c, p. 5)*

Este artigo apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “Literatura Infantil e Habilidades Socioemocionais: análise de uma coleção de livros infantis” financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que investigou a coleção de livros infantis intitulada “E se eu sentir...”, escrita por Paloma Blanca Alves Barbieri e ilustrada por Paula Kranz. A relevância deste estudo fundamenta-se na crescente valorização das habilidades socioemocionais no cenário educacional brasileiro, especialmente após a implementação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). Além disso, autores como Siegel e Bryson (2015) e Goleman (1996; 2012) reforçam que o desenvolvimento emocional nos primeiros anos de vida é crucial, dada a neuroplasticidade e a necessidade de integração entre as diferentes partes do cérebro para a formação de indivíduos resilientes, sociáveis e conscientes.

Neste contexto, a literatura infantil consolida-se como um recurso valioso para mediar conversas sobre sentimentos com crianças pequenas. Mais do que um apoio pedagógico, o acesso à literatura é um direito fundamental que permite à criança explorar o mundo e a si mesma de forma simbólica e lúdica (FARIA, 2020; VALDEZ; COSTA, 2021). Através da escuta de histórias, as crianças encontram um espaço seguro para se identificarem com as personagens e seus conflitos, o que facilita a compreensão de suas próprias vivências internas (COSTA; GOLDMEYER, 2016; ABRAMOVICH, 1999). Na coleção analisada, que circula amplamente em redes municipais de ensino, o gatinho azul protagonista atua como essa ponte de identificação, ajudando a nomear e situar emoções em contextos do cotidiano infantil.

Contudo, a análise dessas obras revela uma questão central: embora os livros apresentem emoções para o público infantil, elas aparecem frequentemente de forma hierarquizada. Narrativas voltadas ao desenvolvimento socioemocional costumam retratar sentimentos como amor e felicidade como “bons” ou desejáveis, enquanto a ansiedade, a raiva, a inveja e a frustração são apresentadas como incômodos que devem ser prontamente evitados, controlados ou superados. Essa divisão pode ser prejudicial ao desenvolvimento da criança, pois sugere que sentir certas emoções é algo errado, dificultando o aprendizado sobre como acolher e integrar o desconforto de forma saudável (SIEGEL; BRYSON, 2015).



A partir de tais considerações, pontuamos que a raiva foi escolhida como foco desta análise por ser uma emoção recorrentemente associada a aspectos negativos e ao descontrole. No livro específico da coleção sobre esse tema, a raiva é representada como algo que faz o gatinho "explodir", e a solução apresentada limita-se ao ato de respirar fundo até que o sentimento desapareça (BARBIERI, 2021c). Embora estratégias de "resfriamento psicológico" sejam úteis para evitar reações desproporcionais, essa abordagem pode ser considerada superficial por não explorar a raiva como uma força vital ou um sinal de alerta importante (GOLEMAN, 1996; ROSENBERG, 2022). Segundo a perspectiva da Comunicação Não Violenta (CNV), a raiva funciona como um indicador de que necessidades humanas fundamentais que não estão sendo atendidas, e sua verdadeira gestão reside em compreender sua raiz, e não apenas em eliminá-la sem lidar, apenas suprimi-la (ROSENBERG, 2022).

Dessa forma, o objetivo deste artigo é, portanto, analisar como a raiva é representada na coleção “E se eu sentir...”, discutindo as concepções sobre emoções construídas nas narrativas e os desafios de uma abordagem educativa que não reduza os sentimentos a categorias simplistas de “bons” ou “ruins”. Busca-se destacar se as estratégias presentes nas obras realmente auxiliam na autonomia infantil ou se apenas reforçam padrões de comportamento esperados pelos adultos.

A pesquisa é guiada por perguntas fundamentais: ao abordar a raiva na infância, a literatura infantil contribui para que as crianças compreendam a complexidade de suas emoções ou reforce uma visão de que elas devem ser apenas controladas e superadas rapidamente? Como a narrativa e as ilustrações representam a raiva e quais visões sobre o desenvolvimento emocional são transmitidas aos pequenos leitores? Ao investigar essas questões, pretende-se refletir sobre a importância de uma mediação adulta consciente que acolha a totalidade da experiência humana na infância.

O presente artigo, portanto, organiza-se da seguinte forma: a seguir temos a seção “Procedimentos Metodológicos da Pesquisa” em que apresentaremos a abordagem da pesquisa, e qual foi o método de análise da coleção. Em sequência, temos a seção “Emoções na infância: entre sentir e aprender a lidar” nela abordaremos a relação das emoções com o desenvolvimento infantil, como podemos nos regular, além de discutir como a raiva comunica necessidades. Já na seção “Literatura infantil e construção de sentidos sobre as emoções” trataremos de contextualizar como a literatura infantil pode ser trabalhada como um recurso pedagógico para possibilitar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. E a penúltima seção, intitulada “A raiva na coleção analisada: entre reconhecimento e controle” abordaremos como a coleção apresenta as emoções com o foco maior na raiva. E por fim, nas “considerações finais” sistematizaram os resultados e discussões da pesquisa com o foco na emoção da raiva.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender os sentidos, as representações e as concepções presentes nas



narrativas analisadas; levando em conta tanto os elementos textuais quanto os aspectos visuais das obras. Trata-se de uma pesquisa documental e de análise de obras literárias. O *corpus* da pesquisa é constituído pela coleção “E se eu sentir...” composta por dez livros infantis: “E se eu sentir... Amor” (BARBIERI, 2022a), “E se eu sentir... Ansiedade” (BARBIERI, 2022b), “E se eu sentir... Felicidade” (BARBIERI, 2021a), “E se eu sentir... Frustração” (BARBIERI, 2024a), “E se eu sentir... Inveja” (BARBIERI, 2022c), “E se eu sentir... Medo” (BARBIERI, 2021b), “E se eu sentir... Raiva” (BARBIERI, 2021c), “E se eu sentir... Saudade” (BARBIERI, 2022d), “E se eu sentir... Timidez” (BARBIERI, 2024b) e “E se eu sentir... Tristeza” (BARBIERI, 2021d). escrita por Paloma Blanca Alves Barbieri e ilustrada por Paula Kranz, publicada pela editora Ciranda Cultural.

A escolha desse material justifica-se por sua relevância e circulação em espaços educativos, sendo distribuída pela rede municipal de ensino de uma cidade no interior do estado de São Paulo para escolas de educação infantil. Assim, a coleção tem sido trabalhada como um recurso para apresentar e discutir questões socioemocionais com crianças pequenas, o que torna fundamental uma análise crítica sobre as concepções que a coleção propaga.

Para o tratamento e a interpretação dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo, fundamentada por Bardin (2015), com foco na técnica de análise temática ou categorial. O procedimento foi organizado em etapas, iniciando-se pela pré-análise, que compreendeu a seleção do *corpus* e a realização da chamada “leitura flutuante”. Essa fase permitiu um primeiro contato com os livros para identificar aspectos gerais e padrões que posteriormente foram organizados em categorias. Em seguida, ocorreu a exploração do material, etapa em que os dados foram organizados e norteados por hipóteses interpretativas e inferências, permitindo a codificação dos elementos encontrados. Para a análise, foi elaborado um roteiro de categorias como título, autor, características do enredo, personagens, habilidade abordada e estratégias propostas.

Dentro dessas categorias amplas, este artigo realizou um olhar direcionado para três eixos fundamentais: a representação da raiva, a valorização ou desvalorização das emoções (discutindo a divisão entre emoções e sentimentos “bons” e “ruins”) e as estratégias propostas para lidar com as emoções e os sentimentos. Através desse cruzamento entre o material analisado e o referencial teórico de autores como Goleman (1996; 2012), Rosenberg (2021; 2022) e Siegel & Bryson (2015), buscou-se apresentar os livros da coleção e a possibilidades deles em promover o desenvolvimento integral da criança, além de uma discussão sobre a forma que a raiva é apresentada nesta coleção de livros infantis. Dessa forma, os resultados apresentados a seguir decorrem de um processo de reflexão e análise do potencial impacto que a literatura infantil pode promover no desenvolvimento infantil e na educação integral.

### 3. EMOÇÕES NA INFÂNCIA: ENTRE SENTIR E APRENDER A LIDAR

Nesta seção iremos aprofundar sobre como o desenvolvimento socioemocional impacta nosso desenvolvimento como um todo. Apresentou algumas características do desenvolvimento infantil, apoiado na neurociência e em teóricos da área socioemocional.



Além disso, traremos reflexões sobre a regulação das emoções e que ignorar ou reprimir emoções é algo muito maléfico. Para tal discussão, abordaremos a Comunicação não violenta para explicar a função da raiva. Dessa forma, iniciamos o debate com a relação das emoções com o desenvolvimento infantil.

### 3.1 Compreendendo as emoções no desenvolvimento infantil

As emoções fazem parte da vida de todas as pessoas e estão presentes desde os primeiros anos da infância. Segundo Goleman (1996) e Siegel e Bryson (2015), as emoções se manifestam por meio de experiências subjetivas, reações fisiológicas e comportamentos, influenciando a forma como nos relacionamos com nós mesmos, com os outros e com o mundo. No entanto, a criança não nasce sabendo reconhecer, nomear, compreender ou lidar com aquilo que sente, até porque muitas das vezes as emoções vêm misturada, confusa e sem um manual pronto. Assim como qualquer outra aprendizagem, aprender a identificar, expressar, compartilhar e lidar da melhor forma possível com as emoções e sentimentos é um processo gradativo que exige orientação, mediação e vivências ao longo do desenvolvimento (SIEGEL; BRYSON, 2015).

Dessa forma, torna-se evidente como as relações interpessoais promovem o desenvolvimento emocional. Considerando que o aprendizado acontece principalmente nas relações que a criança estabelece com os adultos e com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano. É nesse convívio que ela começa a compreender que existem outras perspectivas além das suas próprias, e amplia a percepção sobre si mesma, sobre o outro e sobre a vida em sociedade. Entretanto, esse processo é gradativo e deve considerar as etapas do desenvolvimento infantil.

Diante disso, é necessário abordar a neuroplasticidade e seu papel nesse processo. Pois, para Goleman (1996) o cérebro infantil possui grande capacidade de se modificar a partir das experiências vividas. Isso significa que a forma como a criança aprende a lidar com frustrações, raiva, conflitos e diferentes emoções influencia a construção das conexões neurais que acompanharão seu desenvolvimento ao longo da vida. Ou seja, a forma como aprendemos a lidar com as emoções impactam todos os âmbitos de nosso desenvolvimento, seja ele profissional ou pessoal (GOLEMAN, 1996). Entretanto, os autores da área socioemocional como Goleman (1996, 2012) e Siegel e Bryson (2015) pontuam que graças à neuroplasticidade podemos estar sempre modificando a forma que lidamos com as emoções. Portanto, a educação socioemocional na infância não deve ser vista como algo secundário, mas como uma base importante para a saúde mental e para o desenvolvimento integral das crianças (GOLEMAN, 1996; SIEGEL; BRYSON, 2015).

Para explicar como esse processo acontece, devemos abordar a integração neural. Embora Siegel e Bryson (2015) e Goleman (1996) utilizam termos diferentes para explicar o funcionamento do cérebro, ambos defendem a importância da integração entre diferentes áreas cerebrais para o desenvolvimento da autorregulação emocional. Siegel e Bryson (2015) explicam essa ideia por meio da analogia do "andar de cima" e do "andar de baixo" do cérebro, mostrando que é preciso estabelecer uma conexão entre as regiões responsáveis pelas respostas automáticas e instintivas e aquelas relacionadas à reflexão,



à tomada de decisões e ao controle das emoções. Já Goleman (1996), por sua vez, aborda essa mesma ideia utilizando conceitos da neurociência, destacando a interação entre a amígdala, ligada ao processamento das emoções intensas e das respostas de sobrevivência, e o córtex pré-frontal, responsável pelo pensamento consciente, pelo planejamento e pela regulação emocional. Assim, embora utilizem nomenclaturas diferentes, os autores convergem ao defender que essa integração entre as diferentes áreas do cérebro é essencial para que a pessoa desenvolva formas mais equilibradas de lidar com suas emoções, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Todavia, reforçamos que os mesmos autores pontuam que como essa região ainda está em desenvolvimento durante a infância, é comum que as crianças reajam de maneira mais impulsiva diante de diferentes situações.

Diante disso, o papel do adulto é ajudar a criança a integrar essas duas partes do cérebro. Siegel e Bryson (2015) explicam que essa integração funciona como uma espécie de "escadaria", permitindo que a parte mais racional consiga dialogar com as emoções e impulsos. Quando isso acontece, a criança permanece no que os autores chamam de "rio do bem-estar", evitando tanto o caos emocional quanto a rigidez racional. Nesse contexto, Goleman (1996) destaca que aprender a identificar e nomear aquilo que se sente é um passo importante para o desenvolvimento do autoconhecimento e da autorregulação, habilidades que fazem parte da Inteligência Emocional.

Além disso, outro estudioso da área, Rosenberg (2022) destaca que as emoções podem ser compreendidas como sinais de que algumas necessidades humanas não estão sendo atendidas. Porém não é tão simples assim compreender e lidar com as emoções, muitos adultos ainda estão aprendendo e desenvolvendo certas habilidades socioemocionais. E isso só reforça a necessidade de se trabalhar a educação socioemocional desde os primeiros anos de vida. Afinal, quando ajudamos a criança a reconhecer o que sente e a lidar com essas emoções de forma saudável, mostramos que ela não precisa enfrentar suas dificuldades sozinha. Para Goleman (1996), Siegel e Bryson (2015), esse acolhimento fortalece os vínculos de confiança e favorece o desenvolvimento de habilidades importantes, como a comunicação, a empatia, a resiliência e o equilíbrio emocional. Assim, as experiências vividas na infância tornam-se fundamentais para a construção de relações mais saudáveis ao longo da vida.

### 3.2 Educação socioemocional: regulação não é apenas eliminação

A educação socioemocional parte do entendimento de que sentir emoções é algo natural, universal e faz parte da experiência humana e que elas não devem ser ignoradas ou reprimidas (GOLEMAN, 1996). Dessa forma, entende-se que o objetivo não é fazer com que a criança deixe de sentir rapidamente determinadas emoções, mas ajudá-la a compreendê-las e aprender a lidar com elas de forma saudável. Nesse sentido, é importante diferenciar controlar uma emoção de compreendê-la, de lidar com ela de forma saudável. Goleman (1996; 2012) e Rosenberg (2022) destacam que desenvolver habilidades socioemocionais não significa reprimir aquilo que sentimos, mas reconhecer as emoções e aprender a expressá-las de maneira equilibrada, consciente e saudável.





Assim, a verdadeira habilidade emocional está em evitar que os impulsos conduzam nossas ações e prejudiquem nossas relações ou até mesmo nossa saúde (GOLEMAN, 1996).

Nesse contexto, a autorregulação pode ser entendida como a capacidade de reconhecer e regular as emoções e impulsos antes de agir (GOLEMAN, 1996). Regular, não no sentido de eliminar ou controlar rigidamente as emoções; mas, sim, no sentido de compreendê-las e responder a elas de maneira mais consciente e saudável. Para exemplificar mais esse conceito de autorregulação, Siegel e Bryson (2015) explicam que esse processo está relacionado ao que os autores denominam de "rio do bem-estar". Para eles, quando a pessoa tenta controlar excessivamente suas emoções, ela se aproxima da margem da rigidez. Por outro lado, quando perde completamente o controle sobre o que sente, aproxima-se da margem do caos. O equilíbrio acontece quando há integração entre as diferentes partes do cérebro, permitindo que emoções intensas sejam compreendidas e reguladas de maneira mais consciente.

Considerando o foco deste artigo, a raiva, torna-se necessário destacar como a raiva e outras emoções “desagradáveis” costumam ser vistas de forma negativa, principalmente quando se manifestam na infância. No entanto, isso não significa que elas sejam prejudiciais por si só. Rosenberg (2022) afirma que a raiva, por exemplo, funciona como um sinal de alerta de que alguma necessidade importante não está sendo atendida. Dessa forma, quando a criança demonstra esse sentimento, o mais importante não é tentar eliminá-lo imediatamente, mas compreender o que está motivando essa reação, compreender suas raízes e não apenas mascarar os sintomas, ou tratá-los de modo pontual.

A partir dessas considerações, pontuamos a importância de refletir como as emoções são apresentadas em muitas obras da literatura infantil. Em diversos momentos, esta coleção analisada sugere estratégias rápidas para lidar com a raiva, como respirar fundo até que ela passe, transmitindo a ideia de que esse sentimento deve desaparecer o mais rápido possível. Embora essas estratégias possam contribuir para acalmar a criança, elas se tornam limitadas quando não são acompanhadas de uma reflexão sobre as causas da emoção. Como discutimos anteriormente, ensinar a lidar com a raiva não significa ensinar a criança a deixar de senti-la.

Pelo contrário, uma educação emocional comprometida com o desenvolvimento infantil e integral precisa reconhecer que todas as emoções possuem uma função e fazem parte da experiência humana; e que todas as emoções são naturais. O papel do adulto é acolher essas emoções, ajudar a criança a compreender o que provocou as e apresentar caminhos para que ela possa expressá-las de forma respeitosa e construtiva. Mais do que fazer a raiva "ir embora", é importante possibilitar que a criança entenda o que essa emoção está revelando sobre suas necessidades. E que por consequência aprenda, aos poucos, a lidar com essa emoção de maneira mais consciente, compreendendo que por mais que essa emoção possa ser desagradável, ela é natural, necessária e tem uma função importante (Rosenberg, 2022). Algo que será apresentado com mais detalhe na próxima subseção.



### 3.3 A raiva como emoção que comunica

Para compreender melhor a raiva, é importante considerar a perspectiva da Comunicação Não Violenta (CNV), desenvolvida por Rosenberg (2021; 2022). Diferentemente de abordagens que tratam essa emoção como algo que deve ser evitado ou reprimido, o autor propõe entendê-la como um indicativo de que alguma necessidade importante não está sendo atendida. Nessa perspectiva, a raiva deixa de ser vista apenas como um “problema” e passa a ser compreendida como uma oportunidade para refletir sobre aquilo que estamos sentindo e sobre as necessidades que motivam esse sentimento.

Um dos principais aspectos discutidos por Rosenberg (2022) é a diferença entre o estímulo e a causa da raiva. Muitas vezes atribuímos esse sentimento ao comportamento de outra pessoa, mas, segundo o autor, as ações do outro funcionam apenas como um estímulo. Pois, segundo Rosenberg (2022), a causa da raiva está relacionada aos julgamentos e interpretações que fazemos diante da situação. Ou seja, quando permanecemos presos à ideia de que alguém “deveria” agir de determinada maneira, deixamos de perceber quais necessidades nossas não foram atendidas, focamos no outro e negligenciamos a nós mesmos. É justamente esse afastamento das próprias necessidades que contribui para o surgimento da raiva. Trata-se da forma como analisamos o que aconteceu, quais lentes usamos, será que se deixarmos de focar nos julgamentos e interpretações enviesadas que fazemos da situação, e focarmos em nossos sentimentos e necessidades, mudasse também a forma de lidar com a raiva?

Nessa perspectiva, aprender a lidar com essa emoção envolve mais do que controlar impulsos. É preciso identificar o que desencadeou aquela emoção e compreender quais necessidades estão relacionadas à raiva. Rosenberg (2022) afirma que culpar, gritar ou punir o outro não resolve o conflito, pois essas atitudes não expressam aquilo que realmente estamos sentindo e necessitando. Pelo contrário, a comunicação se torna mais efetiva quando conseguimos reconhecer nossas necessidades e expressá-las de maneira clara e respeitosa (ROSENBERG, 2022).

Essas discussões são importantes para a análise da coleção “E se eu sentir...”, apresentada na próxima seção. A partir dos pressupostos da CNV, buscaremos compreender se as obras auxiliam a criança a reconhecer e compreender suas emoções ou se acabam apresentando estratégias simplificadas para lidar com elas. Também analisaremos de que forma a raiva é representada nas narrativas e quais contribuições e limitações podem ser identificadas na proposta da coleção.

## 4. LITERATURA INFANTIL E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE AS EMOÇÕES

Agora falaremos sobre a literatura infantil e sua relação com o desenvolvimento socioemocional. Para tal, pontuamos como a literatura infantil tem potencial para promover um desenvolvimento mais integral das crianças, por contemplar aspectos não apenas cognitivos, mas sociais e emocionais. Pois a literatura infantil permite que a criança se identifique com a personagem e processe o que ocorre na narrativa com a





similaridade que certas situações ocorrem na realidade (COSTA E GOLDMEYER, 2016; ANDERSEN, 2019). Além de muitas vezes ser utilizada como um recurso pedagógico nas escolas.

#### 4.1 Literatura infantil como experiência de formação

A literatura infantil desempenha um papel importante no desenvolvimento das crianças e não deve ser compreendida apenas como um recurso para ensinar conteúdos ou comportamentos. Conforme destacam Faria (2020) e Valdez e Costa (2021), ela constitui um direito da criança e uma experiência que contribui para sua formação humana. Nessa mesma perspectiva, Abramovich (1999) afirma que ler e ouvir histórias é uma necessidade fundamental da infância, pois permite que a criança conheça diferentes realidades, amplie sua imaginação e construa novas formas de compreender o mundo ao seu redor.

Assim, ao entrar em contato com as narrativas, a criança encontra oportunidades para imaginar, refletir e estabelecer relações entre as histórias e suas próprias vivências. Portanto, Abramovich (1999) e Valdez e Costa (2021) evidenciam que muitas vezes, as personagens enfrentam situações, conflitos e emoções semelhantes às experimentadas pelas crianças, favorecendo a identificação e a compreensão de diferentes emoções e sentimentos. Nesse sentido, a literatura infantil cria um espaço seguro para que emoções como medo, tristeza, frustração e raiva possam ser vivenciadas e compreendidas por meio da fantasia, de modo lúdico.

Entretanto, torna-se necessário ressaltar que as autoras Lajolo e Zilberman (2007) mencionam que os livros infantis também refletem concepções dos adultos sobre a infância. Por isso, é importante valorizar obras que ampliem o olhar da criança e estimulem sua imaginação, em vez de apenas reforçar modelos de comportamento ou apresentar uma visão idealizada da realidade, ou até mesmo uma visão mais adultocentrada.

Outro aspecto importante é a relação afetiva que a criança constrói com a leitura. Abramovich (1999) destaca que ouvir histórias desperta a curiosidade, a imaginação e o interesse em brincar, criar e interpretar o mundo ao seu redor. No entanto, Lajolo e Zilberman (2007) ressaltam que o livro infantil também está inserido em um mercado editorial e pode atender a finalidades didáticas e comerciais. Dessa forma, a mediação realizada pelos adultos torna-se essencial para que a leitura vá além do entretenimento e contribua para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da compreensão de si e do outro (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Portanto, compreende-se que a literatura infantil pode contribuir significativamente para o desenvolvimento emocional das crianças quando respeita suas experiências, seus sentimentos e sua forma de compreender o mundo. Em vez de oferecer respostas prontas ou modelos de comportamento, as obras literárias devem favorecer a reflexão, a imaginação e o diálogo. Como destaca Zilberman (2012), valorizar a qualidade estética e a originalidade da literatura infantil significa reconhecer seu potencial para ampliar o



repertório cultural e emocional das crianças, contribuindo para a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e criativos.

A seguir abordaremos sobre os livros infantis e sua possível relação com a promoção de habilidades socioemocionais.

#### 4.2 Livros infantis e educação socioemocional

Dando seguimento ao que foi pontuado na subseção anterior, acreditamos que a literatura infantil pode contribuir de maneira significativa para a educação emocional, pois oferece às crianças a oportunidade de entrar em contato com diferentes emoções através das experiências vividas pelas personagens. Afinal, segundo os autores Costa e Goldmeyer (2016) e Andersen (2019), ao acompanhar uma narrativa, a criança estabelece relações entre a história e suas próprias vivências, favorecendo o desenvolvimento da identificação, da empatia e de outras habilidades socioemocionais.

Ademais, vale destacar que as narrativas têm um suporte significativo das ilustrações que também desempenham um papel importante nesse processo de identificação das crianças com as personagens. As expressões faciais, os gestos das personagens e os elementos presentes nas cenas ampliam os significados do texto e ajudam a criança a compreender as emoções representadas na história (Andersen, 2019). Inclusive essa ideia também é defendida pelas autoras Lajolo e Zilberman (2007), pois, para elas, o livro infantil deve ser compreendido como um conjunto formado por texto e imagem, já que ambos contribuem para a construção de sentidos e para o desenvolvimento do olhar sensível e crítico do leitor.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a literatura infantil também transmite valores, concepções de infância e maneiras de compreender as emoções. Lajolo e Zilberman (2007) destacam que essas obras não são neutras, pois refletem, em muitos momentos, a forma como os adultos entendem o desenvolvimento infantil. Além disso, Valdez e Costa (2021) lembram que a literatura infantil foi marcada, historicamente, por objetivos morais e pedagógicos, buscando formar determinados comportamentos considerados socialmente desejáveis.

A partir dessas discussões tratadas nesta seção, partimos para a próxima seção refletindo como a raiva é apresentada nesta coleção de livros infantis.

### 5. A RAIVA NA COLEÇÃO ANALISADA: ENTRE RECONHECIMENTO E CONTROLE

Nesta seção abordaremos como a coleção de livros infantis “E se eu sentir...” escrita por Paloma Blanca Alves Barbieri e ilustrada por Paula Kranz, apresenta a raiva e quais são suas propostas e intencionalidades.

#### 5.1 A coleção e sua proposta de educação socioemocional

A coleção de livros infantis “E se eu sentir...”, constitui o corpus desta pesquisa. Publicada pela editora Ciranda Cultural entre 2021 e 2024, a coleção é composta por dez



livros, cada um dedicado a uma emoção ou sentimento: amor, ansiedade, felicidade, frustração, inveja, medo, raiva, saudade, timidez e tristeza.

De modo geral, os livros têm como objetivo incentivar as crianças a reconhecer, nomear e compreender as próprias emoções. Para isso, todas as histórias apresentam como personagem principal um gatinho azul que vivencia situações comuns do cotidiano infantil. Dessa forma, a coleção procura abordar as emoções por meio de uma linguagem acessível às crianças, utilizando histórias e ilustrações para tratar das emoções presentes no dia a dia.

Além das narrativas, todos os livros desta coleção apresentam uma organização semelhante. Ao final de cada obra, encontram-se seções como “Como você se sente hoje?”, “Falando sobre...”, “Criança, animais e sentimentos” e “Um recado para a família”. Essas seções procuram incentivar de forma simples o diálogo entre crianças, familiares e educadores, propondo perguntas e orientações que favorecem conversas sobre cada emoção trabalhada em sua respectiva obra.

Nesse sentido, percebe-se que a coleção não foi elaborada apenas para a leitura individual da criança. Sua proposta também valoriza a participação dos adultos como mediadores desse processo, atribuindo à família e aos educadores um papel importante no desenvolvimento emocional infantil. A leitura, portanto, é apresentada como uma oportunidade para promover o diálogo, fortalecer os vínculos entre adultos e crianças e favorecer a compreensão das emoções vivenciadas no cotidiano. No entanto, devemos refletir se todo o adulto conseguirá exercer esse papel de mediador, e também se os adultos de fato lerão essas seções finais, que são apresentadas após o fechamento da história, que busca iniciar uma reflexão sobre a emoção abordada pela obra, e que estão apenas no final do livro.

Portanto, aprofundaremos na próxima subseção, quais emoções aparecem na coleção e como elas são vistas. Para tal análise, buscaremos compreender em que medida as estratégias propostas pela coleção contribuem para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e quais são seus limites.

## 5.2 Quais emoções aparecem e como são apresentadas?

A proposta da coleção é abordar diferentes emoções. No entanto, a análise das obras evidencia que essas emoções não são representadas da mesma maneira ao longo da coleção. De modo geral, sentimentos como amor e felicidade são apresentados de forma positiva e aparecem associados ao bem-estar e às relações harmoniosas. Já emoções como raiva, ansiedade, inveja e frustração costumam ser retratadas como situações de desconforto que precisam ser controladas ou superadas rapidamente. No livro dedicado à raiva, que é o foco desse recorte, a emoção é representada por meio de comportamentos impulsivos da personagem, e a narrativa enfatiza estratégias para que ela volte rapidamente a um estado de tranquilidade.

Essa forma de apresentar as emoções merece uma reflexão. Embora a coleção incentive as crianças a falar sobre o que sentem, em alguns momentos percebe-se uma valorização maior das emoções consideradas positivas, enquanto outras aparecem



relacionadas principalmente a comportamentos que precisam ser modificados o quanto antes. Essa abordagem pode transmitir a ideia de que determinados sentimentos são mais aceitáveis do que outros, ou que algumas emoções podem ser corretas enquanto outras erradas. Quando, na realidade, todas as emoções fazem parte do desenvolvimento humano e possuem funções importantes.

Como discutido anteriormente, emoções como a raiva, a ansiedade e a frustração também contribuem para o desenvolvimento infantil. A frustração possibilita que a criança aprenda a lidar com limites, enquanto a raiva pode indicar que alguma necessidade importante não está sendo atendida. Quando a narrativa concentra sua atenção apenas em estratégias para reduzir o desconforto emocional rapidamente, corre o risco de deixar em segundo plano a compreensão das causas que originaram esses sentimentos.

Acreditamos que mais do que ensinar estratégias para controlar as emoções, a educação socioemocional deve favorecer o reconhecimento, a compreensão e a expressão saudável de todas elas. Nesse sentido, a mediação realizada por professores e familiares torna-se essencial para ampliar as reflexões propostas pelos livros e evitar interpretações que reforcem a ideia de que existem emoções "certas" e emoções "erradas". Sendo assim, na próxima subseção teremos como foco pontuar os limites da abordagem em relação a raiva, proposta pela coleção.

### 5.3 “Até a raiva sumir”: limites da abordagem sobre a raiva

Ao analisar o livro “E se eu sentir... Raiva” (BARBIERI, 2021c), é possível identificar aspectos que contribuem para a educação socioemocional, mas também algumas limitações em relação à forma como a emoção é apresentada. Um dos trechos centrais da narrativa afirma: “A raiva começa a brotar dentro de mim, parece até que vou explodir [...] Então eu respiro bem fundo e conto até três ou até a raiva sumir...” (BARBIERI, 2021c). Essa passagem permite compreender como a obra orienta a criança a lidar com essa emoção.

Entre os aspectos positivos, destaca-se o fato de o livro reconhecer que a raiva provoca mudanças no corpo e no comportamento da criança. Ao representar o gatinho vermelho, gritando e chorando, a narrativa aproxima-se de situações vivenciadas no cotidiano infantil e favorece o reconhecimento dos sinais físicos que acompanham essa emoção. Esse processo é importante para o desenvolvimento do autoconhecimento, pois ajuda a criança a perceber aquilo que está sentindo (GOLEMAN, 1996). Além disso, tanto Goleman (1996) quanto Rosenberg (2022) pontuam que a estratégia de respirar fundo e fazer uma pausa antes de agir pode contribuir para reduzir reações impulsivas, favorecendo o autocontrole em situações de conflito. Todavia, somente isso, não é o suficiente.

Destacamos que a análise da narrativa também evidencia alguns limites. Ao orientar a criança a respirar “até a raiva sumir”, o livro transmite a ideia de que o objetivo principal é fazer com que essa emoção desapareça o mais rápido possível, sem antes compreendê-la. Essa abordagem pode restringir a compreensão da própria emoção, uma vez que



direciona a atenção para o controle do comportamento, mas oferece poucas oportunidades para refletir sobre as causas que provocaram a raiva. Como discutido anteriormente, Rosenberg (2022) compreende essa emoção como um indicativo de que alguma necessidade importante não está sendo atendida. Nessa perspectiva, compreender a origem da emoção torna-se tão importante quanto aprender estratégias para lidar com ela.

Outro aspecto observado refere-se às possibilidades de diálogo propostas pela obra. As perguntas apresentadas nas seções, ao final do livro, incentivam a criança a falar sobre as situações que despertam a raiva, o que representa um primeiro passo importante para a educação emocional. No entanto, poderiam avançar ao estimular reflexões sobre as necessidades envolvidas nesses momentos e sobre maneiras de expressar esse sentimento de forma respeitosa e construtiva. Conforme destaca Goleman (1996), desenvolver habilidades emocionais não significa deixar de sentir determinadas emoções, mas aprender a reconhecê-las e expressá-las de maneira equilibrada e saudável. Da mesma forma, Rosenberg (2022) ressalta que compreender as necessidades relacionadas à raiva favorece relações mais empáticas e uma comunicação mais consciente e empática.

Diante dessas considerações, observa-se que o livro contribui ao abrir espaço para o diálogo sobre a raiva e ao apresentar estratégias iniciais de autorregulação. Entretanto, sua abordagem permanece centrada, principalmente, na redução do desconforto provocado por essa emoção. Sendo assim, a narrativa acaba explorando pouco o potencial da raiva como uma oportunidade de autoconhecimento e de compreensão das necessidades que deram origem a esse sentimento. E portanto, a mediação realizada por professores e familiares torna-se fundamental para ampliar as reflexões propostas pela obra e favorecer uma compreensão mais profunda das emoções vivenciadas pelas crianças.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que a coleção “E se eu sentir...” apresenta contribuições importantes para a educação socioemocional na infância. Ao abordar diferentes emoções por meio de histórias e ilustrações, os livros favorecem o diálogo sobre sentimentos que fazem parte do cotidiano das crianças e que, muitas vezes, são pouco discutidos pelos adultos. Nesse sentido, a coleção representa um recurso relevante para professores e famílias, especialmente por incentivar que as crianças reconheçam, nomeiem e expressem aquilo que sentem.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou alguns limites na forma como determinadas emoções são apresentadas. Em diversos momentos, emoções como a raiva, a frustração e a ansiedade aparecem associados principalmente à necessidade de controle ou de superação, enquanto emoções como o amor e a felicidade recebem maior valorização. Essa abordagem pode dificultar a compreensão de que todas as emoções possuem uma função no desenvolvimento humano e que nenhuma delas deve ser compreendida, por si só, como certa ou errada.



Como discutido ao longo deste trabalho, a educação socioemocional não consiste em ensinar a criança a deixar de sentir determinadas emoções, mas em ajudá-la a compreender aquilo que elas revelam sobre suas experiências e necessidades. Nesse processo, mais importante do que aprender estratégias para controlar um sentimento é desenvolver a capacidade de reconhecê-lo, compreendê-lo e expressá-lo de forma respeitosa e saudável. Assim, a educação socioemocional deixa de ser um conjunto de técnicas para regular comportamentos e passa a contribuir para o desenvolvimento do autoconhecimento, da empatia e da autonomia, ou seja, de um desenvolvimento integral.

Outro aspecto que merece destaque é o papel da mediação dos adultos. A literatura infantil pode abrir importantes possibilidades de diálogo, mas seus efeitos dependem da forma como as histórias são compartilhadas e discutidas com as crianças. Cabe aos professores, familiares e demais mediadores ampliar as reflexões propostas pelos livros, acolher os sentimentos infantis e criar espaços em que as emoções possam ser compreendidas, e não apenas controladas.

Por fim, este estudo reforça a importância de analisar criticamente as obras que têm sido utilizadas para trabalhar a educação emocional na infância. Mais do que ensinar estratégias para lidar com os sentimentos, esses materiais precisam favorecer uma compreensão mais ampla da experiência humana, reconhecendo que todas as emoções têm função, é natural e contribuem para o desenvolvimento infantil.

Diante disso, permanece uma reflexão que ultrapassa os limites desta pesquisa: estamos formando crianças que aprendem a compreender suas emoções ou apenas crianças que aprendem a escondê-las para se comportarem da maneira que os adultos esperam? A resposta a essa pergunta talvez seja um desafio a ser pensado e, ao mesmo tempo, um convite para repensarmos o papel da literatura infantil na formação de sujeitos mais conscientes, empáticos e capazes de compreender a si mesmos e aos outros.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. Gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1999.

ANDERSEN, Elenice. Leitura De Emoções No Livro Infantil Ilustrado: Palavras E Imagens. In: **Revista Prolíngua**, Volume 14-Número 2 -ago/dezde 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/48725/30238> , acesso em maio de 2026.

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... amor**. Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2022a. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6553840669

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... ansiedade**. Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2022b. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6553840591





BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... felicidade.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021a. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6555005233

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... frustração.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2024a. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6553842069

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... inveja.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2022c. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-65-5384-063-8.

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... medo.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021b. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6555005240

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... raiva.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021c. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6555005202

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... saudade.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2022d. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6553840676

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... timidez.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2024b. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6553842014

BARBIERI, Paloma Blanca Alves. **E se eu sentir... tristeza.** Ilustrações de Paula Kranz. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021d. (Série E se eu sentir...). ISBN 978-6555005226

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf), acesso em abril de 2026

COSTA, Camila Laís da Silva; GOLDMEYER, Marguit Carmen. Personagens da Literatura Infantil: contribuição para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. In: **Revista Acadêmica Licenciatura&acturas**, Ivoti, RS, v. 4, n. 1, p. 46–51, 2016. DOI: 10.55602/rlic.v 4i1.98. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/90>., acesso em abril de 2026

FARIA, Mariana de Oliveira. **Livros ilustrados e multimodais na educação infantil:** caminhos e possibilidades. Monografia apresentada ao curso de Especialização “Literatura e Outras Linguagens na Educação Infantil”. 89 f. Universidade Federal de São Carlos. 2020

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional:** A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **O cérebro e a inteligência emocional:** Novas perspectivas, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira:** História & Histórias. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

ROSEMBERG, Marshall. **Comunicação não-violenta:** técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 5. ed. São Paulo: Ágora, 2021.



ROSEMBERG, Marshall. **O surpreendente propósito da raiva**: indo além do controle para encontrar a função vital da raiva. 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2022.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **O cérebro da criança**: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar. 1. ed. São Paulo: nVersos, 2015.

VALDEZ, D & COSTA, P. L. “Ouvir e Viver Histórias na Educação Infantil: um direito da criança” do livro Arce, A. Martins, L. M. (org.) **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Campinas: Alínea, 4 edição, 2021, p. 165-186

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2012.